

NÃO HÁ PORQUE TEMER O PALCO, POIS FOMOS PREPARADOS PARA ESTAR LÁ: GRUPO AÇOR SUL CATARINENSE, UM MARCO DA CULTURA AÇORIANA NO MUNICÍPIO DE SOMBRIO/SC¹

Ilaine Dahlem Herber.²

RESUMO

O artigo busca discutir a importância do Grupo Açor Sul Catarinense para a preservação da cultura açoriana no município de Sombrio/SC e sua difusão para demais localidades da região a partir das manifestações culturais, especialmente através da dança. Sabe-se que Santa Catarina, em meados do Século XVIII, recebeu um grande contingente de imigrantes açorianos, que posteriormente migraram para o sul do Estado e efetivaram a colonização de vários territórios, como o de Sombrio. Esses açorianos advindos dos Açores trouxeram consigo heranças e tradições que foram incorporadas aos modos de ser, fazer e viver do povo sombriense. Desta forma, entre as discussões deste artigo está a necessidade de preservação e valorização deste legado cultural. Foi com esse intuito que o Grupo Açor Sul Catarinense foi criado e vem promovendo ações que buscam despertar nos cidadãos um sentimento de identificação, através da dança e das músicas que revelam costumes do povo açoriano, além de representar e divulgar o município de Sombrio pelos lugares que passa contribuindo, assim, para seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Cultura. Dança. Colonização. Imigração. Heranças.

¹Trabalho monográfico defendido em 16/08/2008 na Universidade do Sul De Santa Catarina, orientado por Pricila Cardoso Borba da Rosa e co-orientado por Sibeli Cardoso Borba Machado, professoras do Curso de História da UNISUL.

²Acadêmica do Curso de História da UNISUL.

Sabe-se que o Arquipélago dos Açores se situa no Oceano Atlântico, território pertencente a Portugal. Os portugueses pisaram pela primeira vez nessa terra, no século XV e batizaram-na de Açores. Segundo Freitas (1980, p. 62), “o nome Açores provém de uma ave de rapina denominada açor”. O arquipélago compreende nove ilhas, a saber: São Miguel; Santa Maria; Terceira; Graciosa; São Jorge; Faial; Pico; Flores e Corvo. Suas origens físicas são totalmente vulcânicas. Todas essas ilhas constituem três distritos administrativos, cujas capitais são: Ponta Delgada na ilha de São Miguel; Angra do Heroísmo na ilha Terceira; Horta na ilha do Faial, e foram descobertas por navegadores portugueses sucessivamente, aproximadamente entre os anos de 1431 e 1464.

De acordo com Piazza (1987, p. 45), “a viagem de reconhecimento inicial das ilhas açorianas parece ter sido levada a cabo, em 1427, por Diogo de Silves, no tempo de D. Henrique.” As ilhas estão situadas no Oceano Atlântico, a um terço de distância entre Lisboa e Nova Iorque e eram desabitadas até os portugueses as descobrirem. Constituem um arquipélago, onde lagos espetaculares enchem antigas crateras de vulcões. Os Açores tornaram-se um atrativo por suas belezas naturais e pela vida simples de seus habitantes.

Com a descoberta das ilhas dos Açores pelos portugueses, a partir da expansão marítima, percebeu-se a importância estratégica para o acesso ao Oriente. Porém, as ilhas não serviram apenas como pontos estratégicos para as viagens marítimas portuguesas, desenvolveram-se também nos Açores a agricultura para abastecer a metrópole europeia, o artesanato especializado em consertos de embarcações e a pesca.

O arquipélago dos Açores inicialmente ocupado para produção de alimentos: trigo, milho, uva, batata, couve, vagem, açúcar, carne, pescados, que abasteciam a metrópole, torna-se já no início do século XVI um importante ponto estratégico, na rota de navegações atlânticas, transformando seus pontos em locais de aguada, abastecimento, reparo das embarcações e entreposto comercial das frotas que demandavam à Europa, provenientes das Américas, da África Oriental e da Ásia, bem como ponto de atração dos corsários. (FARIAS, 2000, P. 33).

Os Açores foram povoados seguindo o modelo de vida europeia do século XVI com a dominação da Igreja Católica e de sociedade pré-industrial. A vida insulana fez com que os açorianos apresentassem poucas modificações em sua cultura com o passar do tempo. Pode-se dizer, que o modo como às pessoas viviam na ilha dos Açores, mudou muito pouco, permanecendo praticamente inalterado até o século XVIII, quando ocorreu a imigração para o Brasil.

Quando os açorianos chegaram ao Brasil trouxeram características de homens simples; agricultores, pescadores e artesãos, que apesar de europeizados não trouxeram para o

Brasil o processo de industrialização que já estava se articulando na Europa, mas que não havia influenciado seu modo de vida.

Segundo leituras ressalta-se três causas para a imigração açoriana para o Brasil: a primeira delas seria as catástrofes naturais como: terremotos, furacões, dificultando assim a agricultura. A segunda seria a fome, devido ao esgotamento do solo e os desastres naturais, a população ficou sem emprego e sem sustento, o pouco trigo cultivado era exportado. E a terceira causa, segundo Farias (2000, p. 319) “a alta densidade demográfica da ilha”. A super população, mas que não seria resolvida com a imigração de apenas seis a sete mil açorianos, já que a população das ilhas chegara a cento e cinquenta mil pessoas, segundo as análises de Piazza (1987).

No período do fluxo de imigração açoriana para o sul do Brasil, de 1748 a 1756, Santa Catarina possuía poucas vilas até a chegada dos açorianos no século XVIII, transitava no local um grande contingente de indígenas, alguns vicentistas e escravos, como aponta Piazza (1987).

A maior parte dos imigrantes vindos das ilhas permaneceram no litoral deste estado, e a outra parcela foi direcionada para o Rio grande do Sul. Dos mais de 6.000 açorianos imigrados para o sul do Brasil fixaram-se em Santa Catarina, em torno de 4.500 indivíduos, sendo os demais reembarcados para o vizinho estado do Rio Grande do sul. De acordo com Farias (2000, p. 91), “foram responsáveis pelo aparecimento de comunidades que refletem ainda hoje, o seu modo de ser, viver, cujas memórias se referenciam neste momento”.

Os açorianos enfrentaram muitas dificuldades em se organizarem, pois lhes faltavam muitos recursos. Chegados a Santa Catarina e aqui fixados, o povo açoriano teve que adaptar-se a realidade local. A cultura deste povo sofreu algumas alterações, contudo manteve-se a essência da religiosidade católica e das crendices populares. Quanto às manifestações culturais pode-se dizer que sofreram intervenções pelas culturas já existentes no território.

Segundo Farias (2000, p. 98), “o processo de fixação e adaptação do homem açoriano e seus descendentes às condições locais do litoral catarinense, desde os meados do século XVIII, provocou modificações na cultura transplantada dos Açores para o sul do Brasil”.

A partir de leituras subentende-se que economicamente o sul do litoral brasileiro também ficou muito diferente das outras regiões brasileiras, onde grandes fazendas monocultoras são consideradas como base da economia, pois aqui, prevaleceram as pequenas propriedades policulturas, onde cada família produzia o necessário para o seu consumo.

De acordo com Caruso (1997, p. 18), “a economia baseia-se na pequena propriedade rural e gira em torno das necessidades pessoais ou da vila onde moram”. Depois de se adaptarem com a realidade local, os açorianos começaram a cultivar novos produtos agrícolas, aprenderam, a cultivar e a processar a mandioca com os índios, produzindo assim a farinha de mandioca, que passou a ser a alimentação básica dos açorianos: comiam farinha e peixe em quase todas as refeições.

A atividade pesqueira teve primeiramente que ser estudada para ser praticada, pois os peixes do litoral catarinense eram de espécies diferentes daquelas encontradas nos Açores e até mesmo as árvores para confeccionar as embarcações eram outras.

Os pescadores açorianos acreditavam em muitas lendas, entre elas: boitatá, lobisomens, bruxas e fantasmas, são as mais conhecidas. Os açorianos costumam usar rezas, alho e ditos populares para espantar elementos – o que faz pensar que eles eram bastante supersticiosos. Eles cativam a cultura religiosa católica com tradições profanas como: as bruxarias, benzeduras, entre outras.

A cultura popular açoriana manifesta-se através de seu folclore: danças e folguedos amplamente difundidos no sul do Brasil. São inúmeras e variadas as danças de base açoriana, refletem influências culturais diversas. O tradicionalismo gaúcho herdou grande parte das tradições nas danças açorianas. Por exemplo – a dança do pezinho é dança açoriana, mas amplamente difundida na tradição gauchesca.

As danças são consideradas como um forte elemento da cultura açoriana presente em Santa Catarina. O pau-de-fita e a quadrilha, por exemplo, são muito conhecidas e utilizadas no estado e pode-se dizer que em Florianópolis as tradições açorianas são muito fortes e valorizadas.

A região de Sombrio tem na sua história traços de pluralidade cultural. “Desde os primeiros habitantes os índios Carijós do grupo Tupis-Guaranis, até a influência luso-espanhola, e posteriormente a imigração européia.” (MACHADO, 2006, p. 30).

Os primeiros contatos entre índios da região de Sombrio e brancos europeus deram-se simultâneo à fixação das Capitânicas Hereditárias no Brasil. Segundo Farias (2000, p. 91), “os índios foram aos poucos sendo eliminados ou afastados das terras sombrienses a partir do momento em que os primeiros brancos de origem européia chegaram à região no século XVI”. O extermínio dos indígenas era feito pelos bugreiros, pagos pelos donos das terras. Estes primeiros europeus a passar pela região de Sombrio no século XVI eram de origem espanhola, haja visto que toda a região ao sul de Laguna pertencia pelo tratado de Tordesilhas de 1494, à Espanha.

Por volta de 1723, os tropeiros que saíam de Laguna com destino a Viamão no Rio Grande do Sul, buscavam descanso sob imensas figueiras do litoral catarinense, ainda habitado por índios Carijós. Somente em 1820 surgiu o vilarejo que deu origem a Sombrio. Especula-se, a partir da tradição oral, que o nome Sombrio tenha sido dado pelos primeiros povoadores da região de Torres RS.

Em expedição até o local [...] voltam os olhos para as margens, avistam uma faixa sombria, que naquela zona escurecia pelas sombras do monte, junto à encosta [...] constataram as acolhedoras sombras das figueiras, que se erguem nas margens da lagoa, tornando ainda mais escuras as águas, deixando ver o reflexo brilhante na parte não sombreada. [...] junto às margens da lagoa avistam as grandes furnas. [...] o morro fica conhecido a partir de então pelo nome de Sombrio. (FARIAS, 2000, p. 319).

Outra hipótese levantada pela oralidade é a de que os tropeiros ao tangerem o gado pela região, alimentavam suas boiadas junto ao rio antes de se aventurarem na subida da serra, utilizando a sombra das figueiras para repousarem. Face ao movimento das águas do rio da Laje, associavam toda massa de água da região do rio, identificando a área de repouso como sendo sombra do rio, que mudou para Sombrio, local de sombra no rio.

Tal hipótese parece ter lógica, quando se percebe que Sombrio não é mencionado em documentos antigos dos primeiros desbravadores, o que pode ser indicativo de que o nome fora colocado por pessoas que usavam a região como caminho de passagem.

Somente em 1820 ocorreu a ocupação efetiva do vilarejo que deu origem a Sombrio. Conforme leituras o primeiro a se interessar pelas terras da região foi o historiador francês Saintt-Hilaire, que estudou a origem dos primeiros habitantes de Araranguá, pesquisou fauna, solo, flora e a cultura dos índios Carijós. Sua expedição despertou a curiosidade de dois irmãos portugueses, os imigrantes Manoel e Luciano Rodrigues. Eles adquiriram sesmarias no lugar.

Segundo Reitz (1988, p. 7), “a compra da sesmaria Rodrigues, por Manoel e Luciano Rodrigues da Silva marca o início da colonização da Paróquia de Sombrio”. Mas Sombrio só prosperou 10 anos depois, quando outro português, João José Guimarães se instalou às margens da Lagoa e ali começou sua história.

No começo da colonização tudo era muito difícil, como aponta Coelho (2003, p. 282), “os primeiros anos da colonização também foram marcados por uma constante insegurança, motivados pela iminência de ataques indígenas”.

Sombrio, como outras povoações do sul catarinense, resultou da fusão de diversas culturas: índios, luso-açorianos, italianos, alemães, poloneses e outros povos que mais recentemente, ajudaram na construção da comunidade sombriense, que apresenta alguns valores culturais bastante originais, verdadeira sobrevivência de culturas seculares. (FARIAS, 2000, p. 320).

Essa miscigenação fez com que o município prosperasse e a união de diversas culturas como – negros, indígenas, açorianos, alemães, italianos, poloneses com sua mistura de gostos e costumes, permitiu todo o intercâmbio cultural. O resultado disso pode ser evidenciado na diversidade cultural que os sombrienses apresentam hoje.

De acordo com Farias (2000, p. 175), “o ato formal de instalação do município de Sombrio ocorreu no dia 2 de abril de 1954, conforme termo que segue no qual se verifica que assinaram a ata de instalação tanto figuras ilustres da comunidade, quanto diversas pessoas de pouca instrução”.

A partir desta data, o novo município continuou crescendo e desenvolvendo-se, nas dimensões econômicas, políticas, sociais e culturais, devido à influência de diversas etnias que contribuíram para sua colonização e posterior emancipação.

Ao longo dos 45 anos de emancipação política foi o município de Sombrio administrado por 13 prefeitos, que bem indica a multiplicidade étnico-cultural do município; 8 de origem luso-açoriana; 1 de origem italiana; 2 de origem alemã e 2 de origem polonesa. Outro fato significativo é que houve, nas últimas 6 eleições, das 7 que se realizaram entre 1954-2000, indicando o peso político das diferentes etnias que compõem a base da população de Sombrio. (FARIAS, 2000, p. 196).

Pode-se dizer que as leituras supracitadas enfatizaram acontecimentos que envolveram os primórdios da colonização de Sombrio, que permitem compreender alguns valores sócio-culturais que até hoje marcam, a sociedade sombriense.

Conhecer a história do município torna-se importante como meio de reforçar a identidade cultural sombriense, haja visto que a formação cultural deste município se deu pela mescla de diversas etnias.

Atualmente pode-se afirmar que em termos de localização geográfica, Sombrio vista apenas trinta quilômetros da fronteira do Estado do rio Grande do Sul e se situa exatamente no meio do caminho entre Porto Alegre/RS (220 km) e Florianópolis/SC (244 km).

Dos açorianos os sombrienses herdaram quase tudo – a religiosidade, a gastronomia, as cantigas populares, o jeito especial de construir hortas, a aptidão para a olaria, os engenhos, a pesca, as lendas, as bruxas, as benzedeiros entre outros. Desta forma, faz-se saber que a cultura tradicional de Sombrio, tem como uma de suas bases a cultura açoriana, cuja essência reflete a simplicidade, o orgulho, a religiosidade, o misticismo e o profundo respeito pelo homem e a natureza.

Reviver a cultura açoriana, intensamente no folclore, nas danças e folguedos, na literatura popular, na religiosidade, na produção artesanal, foram maneiras que o sombriense encontrou de viver sua diversidade.

As festas religiosas são tradicionais na cultura açoriana e perduram até hoje, as festas mais tradicionais de Sombrio são - a festa do Padroeiro Santo Antônio de Pádua, realizada no dia 13 de junho, onde os fiéis visitam a Igreja e fazem o seu pedido ao “santo casamenteiro”, como revela a sabedoria popular. – A festa da Figueirinha, onde se homenageia São Sebastião, esta festa acontece no dia 20 de janeiro, é realizada na Figueirinha, que pertence ao Balneário Gaivota, mas sendo uma festa tradicional que começou quando Figueirinha pertencia ao município de Sombrio, neste dia é feriado nos dois municípios. – O Arraial Fest acontece de dois em dois anos no mês de julho, onde se comemora a cultura açoriana, gastronomia típica, danças, exposições de artesanatos, entre outros.

Notório salientar o potencial turístico de Sombrio, onde pode-se destacar a belíssima Igreja de Santo Antônio de Pádua, o calçadão cultural no centro da cidade, onde é destacada a cultura açoriana e a colonização de Sombrio, o Museu Étnico cultural ao ar livre também no centro da cidade, onde se encontra uma moenda de alambique, a primeira trilhadeira agrícola utilizada em Sombrio, um forno de barro, barco e material de pesca artesanal. – E também as belas grutas das Furnas, localizadas na BR 101.

Com o intuito de que se reconheça a cultura açoriana no município de Sombrio através da dança, é que a Professora Clair Hanh Fermiano, no ano de 1999, aceitou o convite da UFSC de montar um grupo açoriano.

No dia 28 de maio de 1999, nascia em Sombrio um grupo de dança. Eram crianças, alunos da 4ª série do ensino fundamental, que após estudarem a chegada dos imigrantes açorianos a Santa Catarina, seus usos e costumes, receberam um convite para representar o município de Sombrio no 6º AÇOR em Porto Belo.

Um grande impacto no primeiro momento, mas incentivados pela Profª. Clair e pelos pais, aceitaram o convite e logo iniciaram os ensaios, pois o desafio era muito grande, tudo era novidade, mas com a ajuda do NEA, que mandou material; como fitas de vídeo, Cds foi possível começar este trabalho.

O NEA (Núcleo de Estudos Açorianos) foi criado em 1984 com o propósito de realizar pesquisas em prol do reconhecimento da Cultura Açoriana. Em 1992, o NEA foi reestruturado e adotou uma nova filosofia com o seguinte direcionamento: continua sendo um pólo de pesquisa e investigações sobre a Cultura Açoriana no Estado, mas hoje tem um

trabalho comunitário que atinge todo o litoral de Santa Catarina, com cursos, palestras, mapeamento cultural e reciclagem para professores.

A Festa da Cultura Açoriana (AÇOR) foi criada para mostrar o significado desta herança cultural. É uma festa anual que acontece sempre em municípios diferentes do litoral catarinense, onde se faz uma amostra do que existe de mais representativo sobre a cultura de base açoriana no litoral catarinense. Realizam-se amostras do folclore, gastronomia, danças, artesanato, religiosidade, entre outros.

As diferenças entre a cultura dos Açores e de base açoriana de Santa Catarina são visíveis, tanto na gastronomia, quanto nas danças, folguedos, religiosidade, tecnologias de produção e respectivos produtos econômicos. Assim faz-se necessário evidenciar estas diferenças para não cometer o erro de querer tornar semelhante o que de fato é diferente. (FARIAS, 2000, p. 98-99).

Passados 260 anos desde que os primeiros colonizadores açorianos fixaram-se no litoral catarinense não se pode esquecer que esses habitantes do arquipélago dos Açores também sofreram transformações em seu modo de viver e de ser. Contudo, as variações culturais não podem ser exploradas no corpo deste trabalho, faz-se necessário aqui discutir a tradição, sua essência e preservação, que se apresenta como uma das lutas e uma das razões da formação do Grupo Açor Sul.

A importância dessa reconstrução se dá não apenas pelo conhecimento da dança, mas por tudo que o Grupo Açor Sul aprende sobre o arquipélago dos Açores, sobre as nove ilhas e sobre a cultura dos mesmos, pois não basta apenas dançar, é preciso conhecer a cultura e tradição açoriana. Uma maneira de preservar a tradição é fazer com que os jovens e as crianças tenham consciência de preservação e sentimento de pertença.

O Grupo Açor Sul Catarinense sempre é convidado a se apresentar em eventos importantes no município de Sombrio e também em outras localidades da região. No ano de 2000, o Grupo Açor Sul dançou na inauguração do calçadão cultural, onde os mosaicos feitos pelo artista plástico Jones César de Araújo mostram a história dos primeiros colonizadores, amostras da cultura popular, a miscigenação das etnias entre outros.

O Grupo Açor Sul Catarinense, desde sua fundação sempre contou com o apoio da Prefeitura Municipal, contudo, ainda é necessário que se desperte o gosto pela preservação e valorização pelos munícipes de Sombrio, para que se reconheçam nas tradições e posteriormente valorizem a cultura açoriana.

É nesse sentido, que desde sua criação o grupo vem apresentando-se em todos os eventos que são convidados. O Arraial Fest, festa do município que acontece de dois em dois anos, o Grupo Açor Sul é presença fundamental para que o evento aconteça. É através do Grupo Açor Sul, que conseguem as verbas para a realização da festa.

Através dos relatos percebe-se que um dos objetivos do Grupo é mostrar para o povo de Sombrio, especialmente os jovens, que não existe preconceito em dançar num grupo folclórico, pois a dança faz crescer e desperta no jovem uma identidade cultural.

A primeira formação do Grupo Açor Sul, eram crianças de 8 a 9 anos, que desde cedo aprenderam o valor de uma tradição. Desde sua formação o Grupo Açor Sul vem participando efetivamente de todas as festas do AÇOR, desde 1999. O maior problema do Grupo Açor Sul hoje, segundo Prof^a. Clair, “é a saída dos componentes para buscar seus sonhos, a maioria está fazendo faculdade, e a entrada de novos integrantes, ensinar tudo de novo, mas sempre é um recomeço, não podemos parar”.

O Grupo Açor Sul Catarinense foi registrado em 2003, o Grupo é uma Entidade Filantrópica sem fins lucrativos. Em 2003, no 10º AÇOR em Tijucas, o Grupo recebeu o prêmio Açorianidade Ilha Terceira.

No ano de 2005, a Prof^a. Clair fora escolhida pelo governo açoriano, por meio da Comunidade Regional dos Açores – em razão de ter se destacado em atividades culturais no município, para participar de um curso de 15 dias na Ilha Terceira, em busca de conhecimento para passar ao grupo.

Atualmente o Grupo Açor Sul recebe apoio financeiro do MinC (Ministério da Cultura). Além do apoio financeiro está recebendo apoio para a implantação de um ponto de cultura. Pontos de cultura são projetos que recebem apoio financeiro para pesquisar, implantar, resgatar e promover a cultura de diversas regiões do Brasil.

Desta maneira, ressalta-se a importância do Grupo Açor Sul para a comunidade de Sombrio. Na dança o grupo exprime o caráter particular de um povo, e representa a vida da comunidade através dos tempos, envolvendo seus traços culturais, localização geográfica, religião e história.

Neste ano de 2008, a Prof^a. Clair deixou a coordenação do Grupo Açor Sul para ser a Secretária da Educação do Município de Sombrio. A nomeação requer uma escolha para a professora que deixa claro em seus relatos que “apenas se afastaria da coordenação, mas jamais deixará o grupo”. Quem assumiu o Grupo foi a Prof^a. Luciani Garcia Pereira, que já vinha acompanhando o grupo há algum tempo.

O Grupo Açor Sul dança em pares, as músicas sempre representam a vida do cotidiano das pessoas das ilhas - como a esperança, amores, trabalho, saudade, entre outras, são dançadas músicas específicas de cada ilha.

O Grupo usa trajes simples, os trajes representam à vida do cotidiano das pessoas, o grupo tem um traje original da Ilha do Pico, os outros trajes são cópias e outros são adaptados ao litoral catarinense.

Nesta longa caminhada o Grupo aprendeu várias danças, pode-se citar algumas das músicas dançadas: Chamarrita; Padeirinha; Pezinho; Sapateia; Baile de Santa Maria; Baile Furado; Baile da Povoação; Tirana; Pai do Ladrão; Fado do Estudante; Rema; Eu cá sei; Quebra-quebra gabiroya; São Palmas; Mane Chiné; As Velhas; Caninha Verde; Charamba; Olaré; entre outras.

O Grupo Açor Sul quando participa de eventos como o AÇOR, fica alojado geralmente em colégios, onde algumas mães também colaboram para que tudo saia de acordo com o planejado. Nestes anos de convivência o Grupo Açor Sul em cada viagem que faz adquire novos conhecimentos, pois a cada cidade por onde passam conhecem novas histórias.

O Grupo Açor Sul Catarinense, além de preservar as manifestações culturais de base açoriana, compromete-se também em representar e divulgar o nome de Sombrio pelos lugares que passa, contribuindo, assim, para o desenvolvimento do município.

Não se pretende com esta pesquisa esgotar o tema, antes ela é um esforço de lançar novos olhares ao patrimônio cultural do município, que tanto necessita e requer atenção.

Sabe-se que lacunas ficaram, contudo pode-se dizer que elas serão preenchidas por outras pesquisas e, certamente, por novos olhares.

REFERÊNCIAS

CARUSO, Raimundo A. **Vida e cultura açoriana em Santa Catarina**. Florianópolis: Cultura Catarinense, 1997.

COELHO, Rolando C.S. **Assim nasceu Sombrio**. Sombrio: Jornal Correio do Sul, 2003.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Portugal ao Sul do Brasil: 500 anos**. Florianópolis: Ed. do autor, 2000.

-----**Dos Açores ao Brasil Meridional: uma viagem no tempo. 500 anos do litoral catarinense**. 2ª ed. Florianópolis: Ed. do autor, 2000.

FERMIANO, Clair. **Relatos – Grupo Açor Sul**. Sombrio, junho de 2008.

FREITAS, Sebastião Rodrigues. **Estudos Rio Grandenses**. Porto Alegre: Globo, 1980.

MACHADO, Sibeli Cardoso Borba. **Museu de Santa Rosa do Sul: um modo de recuperar as reminiscências plurais do mundo do trabalho na região**. Monografia. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Araranguá, 2006.

PIAZZA, Walter Fernando. **A epopéia açoriana**. Florianópolis: Conselho Estadual de Cultura, 1987.

REITZ, Raulino. **Paróquia de Sombrio**. Ensaio de uma monografia paroquial. Brusque, Azambuja, 1988.

